



CONOPSI
CONOPSI

FENÔMENO DA IMPOSTORA: IMPACTOS DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA SUBJETIVIDADE DE MULHERES À LUZ DA PSICANÁLISE FERENCZIANA

IV Congresso Brasileiro Online de Psicologia, 1ª edição, de 22/06/2026 a 23/06/2026
ISBN dos Anais: 978-65-5465-183-7

OLIVEIRA; Natália Peres de¹

RESUMO

O fenômeno da impostora tem sido discutido na contemporaneidade como uma experiência subjetiva marcada por insegurança persistente, autodepreciação e dificuldade de reconhecer conquistas pessoais, mesmo diante de evidências de competência (Clance e Imes, 1978). A partir da psicanálise, especialmente nas contribuições de Sándor Ferenczi (1932), compreende-se que a constituição do sujeito é atravessada pela relação com o outro e pelos modos de reconhecimento e desautorização da experiência psíquica. Nesse sentido, o conceito de trauma formulado por Ferenczi (1932) permite compreender os efeitos da violência não apenas como eventos pontuais, mas como processos de desorganização da confiança subjetiva. No campo dos estudos de gênero, autoras como Butler (1997) e Segato (2016) contribuem para compreender a violência como estruturante das formas de subjetivação feminina, articulando dimensão simbólica, social e psíquica. Nesse contexto, o fenômeno da impostora pode ser pensado como expressão contemporânea dessas articulações entre violência, gênero e constituição do eu. Analisar a relação entre o trauma da violência de gênero e o desenvolvimento do fenômeno da impostora na constituição de subjetividades de mulheres, a partir da articulação entre a psicanálise ferencziana, especialmente a teoria da traumatogênese. Trata-se de um estudo teórico de abordagem qualitativa, fundamentado na análise conceitual psicanalítica. O corpus teórico inclui textos clássicos da psicanálise freudiana e ferencziana, com destaque para Ferenczi (1932), além de interpretações contemporâneas desenvolvidas por Kupermann (2019) e Figueiredo (2008). Também foram mobilizadas contribuições dos estudos de gênero e da teoria crítica, especialmente Butler (1997) e Segato (2016), no intuito de problematizar os efeitos da violência de gênero na constituição da subjetividade feminina. A análise foi orientada pela articulação entre os conceitos de trauma, desmentido e desautorização subjetiva advindos das violências de gênero e suas implicações na experiência do fenômeno da impostora. O conceito de desmentido na compreensão da experiência traumática, formulado por Ferenczi (1932), permite compreender processos de desautorização da experiência subjetiva em contextos de violência. Segundo o autor, a desautorização implica uma desapropriação da subjetividade, na qual o sujeito em situação de vulnerabilidade passa a duvidar de

¹ Universidade Federal do ABC (UFABC), na.peres.03@gmail.com

suas próprias percepções e afetos. No caso da violência de gênero, tais efeitos não se restringem ao evento traumático, mas se inscrevem como marcas na constituição subjetiva, impactando a forma como mulheres se percebem em espaços sociais, acadêmicos e profissionais. A partir das contribuições de Butler (1997) e Segato (2016), compreende-se que a subjetividade é produzida no interior de normas sociais que regulam inteligibilidades de gênero, o que implica em violências de gênero com o sistemático apagamento simbólico de mulheres. Nesse sentido, o fenômeno da impostora pode ser interpretado como expressão contemporânea desses processos, nos quais a dúvida constante sobre a própria competência emerge como efeito da desautorização histórica e simbólica da experiência feminina. Assim, trata-se de um fenômeno que articula trauma, gênero e subjetividade, exigindo uma leitura interdisciplinar entre psicanálise e teoria crítica. Conclui-se que o fenômeno da impostora pode ser compreendido como efeito subjetivo de processos de desautorização vinculados ao trauma da violência de gênero, conforme articulado pela psicanálise ferencziana e por leituras contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVE: fenômeno da impostora, violência de gênero, mulheres, traumatogênese